

---

# A Cidade no Mundo Contemporâneo<sup>1</sup>

Sueli Aparecida Lopes Benatti\*

## Resumo

A dificuldade em analisar a cidade hoje decorre dos inúmeros processos/movimentos que têm ocorrido no âmbito mundial, sendo a globalização um dos seus resultados, ocasionando a internacionalização da produção e unicidade técnica, bem como a descentralização do processo produtivo. Reafirma-se a importância das cidades globais, porém emergem novas centralidades na cidade e o deslocamento de grandes aparatos para as cidades médias, dado pela flexibilização do capital, considerado como involução metropolitana, mas também de reestruturação territorial e global. Esses processos e movimentos têm levantado várias preocupações quanto ao futuro das cidades, os quais são discutidos nas reuniões do Hábitat. O espaço da cidade vai se delineando como um espaço de luta pelos direitos sociais básicos, já extirpados por um sistema que se mostra cada vez mais cruel, revelando novos signos, valores e cultura, que vão se tornando mundiais, devido à ação dos meios de comunicação de massa.

**Palavras-chave:** Internacionalização da Produção; Unicidade Técnica; Involução Metropolitana; Marginalização Social.

---

## THE CITY IN THE WORLD CONTEMPORARY

### Abstract

The difficult in analyzing the city today derives from many processes/movements that have occurred all over the world, being the globalization one of your results, occasioning the productive's internationalization and technical unit, as well as the decentralization of the productive process. One reaffirms the importance of the global cities, however emerge new centralities in the city and the displacement of great displays to the middle cities, given by the capital's flexibility, introductory clause, as metropolitan involution, but also of territorial and global reorganization. These processes and movements have been worrying as to the future of the cities, which ones are discussed at Habitat's reunions. The city space is getting delineated as a space of a struggle by the social basic civil law, already extirpated by a system that each day is getting more inhuman, revealing new signs, valves and culture, that will be all over the world, because of the action of the means of communication.

**Key Words:** Productive's Internationalization; Technical Unit; Metropolitan Involution; Social Marginalization.

---

## INTRODUÇÃO

Tem sido cada vez mais complexo analisar a cidade devido aos inúmeros fatores que têm ocorrido para a sua produção/reprodução, bem como a fragmentação de seus espaços.

É impossível retratar a cidade no presente momento sem considerar os processos/movimentos que têm ocorrido no âmbito mundial, visto que os

mesmos, em algum momento, vão se espacializar nas cidades sejam elas americanas, européias ou asiáticas, alterando o seu conteúdo. O principal desses processos é a Globalização, o qual é determinado pela internacionalização da produção e unicidade técnica bem como a descentralização do processo produtivo, numa busca pela queda nos custos de produção. As etapas de produção ficariam assim fragmentadas, geralmente nas cidades globais,

---

\* Professora do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino de Londrina. E-mail: slbenatti309@hotmail.com.

conforme Santos (1994). Essa internacionalização da produção só se torna possível devido à evolução tecnológica e à unicidade técnica, na qual as técnicas são transferidas às cidades globais, estando adequadas ao grande capital, contribuindo para a estruturação do meio técnico-científico-informacional, destacado por Santos (1994), sendo o espaço onde a técnica se sobressai, impulsionando e sendo impulsionado pelas redes de transportes, de informações e de pessoas, que permitem a instantaneidade.

É pertinente destacar que a internacionalização da produção influencia o desenvolvimento de novas centralidades na cidade. A cidade passa a conduzir o processo produtivo e o espaço da mesma é produzido e reproduzido, segundo as lógicas de reprodução do capital, que se faz internacionalmente. Esse capital que comanda o mundo é o financeiro, pois especula com o dinheiro e não necessariamente com mercadorias produzidas. As transações comerciais e financeiras ocorrem pela rede de informações – internet, a qual liga e informa instantaneamente sobre o local/global.

Delineia-se, assim, a função das cidades, que é fornecer aparato concreto a toda essa estrutura, o que vem fortalecendo o setor de serviços no mundo.

Destacam-se as regiões metropolitanas, neste contexto, as quais representaram inicialmente o ambiente ideal e o palco da concentração ampliada de capitais pelos fluxos e fixos: estrutura organizacional, mão-de-obra e sistemas de comunicação e de transporte.

No entanto, é preciso destacar que novas configurações espaciais têm se formado, pois as regiões metropolitanas cresceram desmesuradamente e são espaços muito visados para as lutas por melhorias das condições de vida e trabalho.

Essas novas localizações têm sido buscadas tanto pelas transnacionais quanto pelas empresas nacionais, proporcionadas porque agora a concentração e centralização não é territorial e sim informacional.

Por isso, tem sido destacado o crescimento das cidades médias para onde têm se dirigido considerável fluxo de pessoas das regiões metropolitanas, bem como das pequenas cidades, em busca de emprego e melhor qualidade de vida. Para essas cidades têm se deslocado algumas empresas, situadas anteriormente nas regiões metropolitanas, as quais almejam a redução dos seus custos de

produção. Têm sido travados verdadeiros embates entre governadores estaduais para que as empresas optem por seus estados. Para isso, tais governadores beneficiam essas empresas com incentivos fiscais, dentre outras benesses.

Porém, sabe-se que essas empresas fazem esse “jogo” para conseguir maiores benefícios do poder público, embora primem, na escolha, pela localização das cidades e a fluidez do território. Cabe aqui um questionamento: Não é justamente esses benefícios que o neoliberalismo condena?

A resposta é dada se considerarmos o modo perverso do capitalismo avançar, encontrando novas formas e idéias que confundem, mas que enriquecem. Enfim, essa dúvida merece um maior aprofundamento e este não é o momento oportuno.

Esse processo de crescimento das cidades médias, dado pela flexibilização do capital, é considerado por Santos (1996) como involução metropolitana, pois, segundo ele, o interior cresce mais que a metrópole, salvaguardando o papel centralizador desta última. Tal processo também tem recebido a denominação de reestruturação territorial e global.

O processo de reterritorialização industrial emergente vem ocasionando a formação de uma nova composição do capital para reorganização do processo de produção, estes espaços formam circuitos tecnológicos no território ou tecnopólos, cuja base produtiva pode se dar em vários lugares ao mesmo tempo numa trama complexa e simultânea de troca de informações e conhecimentos tecnológicos, graças a uma relativa queda tendencial dos custos de comunicação. Novos nexos interindustriais e intrasetoriais estão se desenvolvendo entre empresas e espaço. (PIRES, 1991, p.81)

A circulação de informações está mais rápida diante do progresso da informática, ligando os lugares instantaneamente e modificando, com isso, as premissas da discussão sobre a questão espaço-tempo.

O tempo é único, mas podem ser rompidos as distâncias e os fusos horários. Para o capital, isso é um avanço, já que os investimentos financeiros podem ocorrer simultaneamente nas bolsas de valores e a produção também pode estar difundida pelos cinco continentes, pois o comando de toda essa rede pode ser feito instantaneamente.

Contudo, isso não representou uma melhoria da qualidade de vida da população desprovida de recursos, pois as conexões financeiras são ditadas pela matriz, situada nos grandes centros. Para as transnacionais, não importa se o país tem uma economia subdesenvolvida, o que importa é que seu território seja passível de ser utilizado como aporte para as atividades econômicas e que sua população sirva como mão-de-obra barata e qualificada.

Sujeitam-se os governos locais e as classes detentoras do poder local aliam-se às transnacionais.

Dessa forma, pelo desenrolar dos acontecimentos em nível mundial e a conformação do meio técnico-científico-informacional, concluímos que a ciência está a serviço do grande capital. É preciso que as Ciências Sociais encontrem metodologias de análise para desvendar o mundo atual, com todas as suas nuances.

Esta complexidade torna a dinâmica urbana diferenciada de outros períodos históricos, pois o espaço está ligado em redes e já não é preciso percorrer um território concreto para se comunicar com os mais diferentes pontos do planeta e, como a produção se mundializa, as possibilidades de cada lugar se afirmam e se diferenciam em nível mundial.

Com a mundialização da economia abrem-se novos caminhos para a acumulação de capital, com a dispersão produtiva no território, à mercê das grandes empresas, que vão selecionar as melhores localizações de acordo com a sua prioridade.

Com isso, para se estudar a cidade hoje, é preciso considerar a atuação dos fixos e dos fluxos, bem como dos circuitos da economia: superior, inferior e marginal superior, discutidos por Santos (1996). Embora a cidade seja produção espacial decorrente dos processos sociais, há que se considerar o movimento de veículos, pessoas e informações (fluxos).

Quanto aos circuitos, há uma produção voltada para as pessoas de alta renda, bem como para os de baixa renda. Já o circuito superior marginal participa dos dois, não se identificando completamente com nenhum deles.

Deve-se considerar que, no presente momento, há uma rede de cidades, onde todas se relacionam entre si, mas principalmente com aquela que detém a supremacia de funções em nível regional, como é o caso das cidades médias já mencionadas.

A realocação das indústrias no espaço nacional, em direção às cidades médias, tem provo-

cado deslocamentos populacionais e desemprego, ampliando assim o exército de reserva e acirrando ainda mais as condições de vida da população.

Conforme Santos (1996), o crescimento das cidades médias é fruto das novas características do sistema produtivo, com a internacionalização do trabalho dada pela evolução dos transportes e comunicações. Então, um dos processos em foco é o da desconcentração industrial, com as indústrias deslocando-se da região metropolitana em busca de outros espaços onde os custos de produção são menores e há trabalhadores qualificados.

As cidades médias brasileiras vêm apresentando um desempenho importante no desenvolvimento urbano, visto que se distinguem pelos altos índices de crescimento populacional e econômico; por oferecerem empregos; por apresentarem bons índices de qualidade de vida; por sua especialização econômica, particularmente no que diz respeito à diversificação e concentração de atividades comerciais e de serviços; pela implantação de novos e sofisticados serviços relacionados à logística, comunicação e informação, transporte, educação, saúde, cultura, turismo, entre outros; passando, dessa forma, a assumir características de pólos regionais, com expressivo conteúdo nacional. (BESSA E SOARES, 1991, p.194)

Em contrapartida a toda essa pobreza, a classe de maior poder aquisitivo teme pela sua segurança, devido ao acirramento das condições de vida da população desprovida de recursos e aí busca novas alternativas para se proteger; uma dessas são os condomínios horizontais.

Enfim, se a cidade é que comanda o processo produtivo atual, tem se tornado também espaço de contradições desse sistema desigual que é o capitalismo. Em seu novo formato - neoliberal - muitas modificações político-econômicas são engendradas, provocando novas especializações nas cidades.

De acordo com os ideais neoliberais, as empresas devem competir livremente, sem a ajuda do Estado; para retomar a acumulação de capital e dinamizar a economia é preciso restituir os níveis ideais de desemprego (ideal para o sistema) e para isso torna-se necessário desarticular os sindicatos, acabando com as possibilidades de reivindicação.

Todos esses fatores ditados pelo neoliberalismo não contemplam a melhoria da vida dos excluídos, aliás, a piora, levando a níveis extremos de miserabilidade.

O desemprego tem feito com que novas áreas sejam produzidas e outras sejam reproduzidas nas cidades pelos excluídos do sistema, já que só no Brasil são 7,6 milhões de desempregados. Aí temos a ocupação de mangues, mananciais, terrenos públicos e periféricos, pois a miséria e a exclusão também podem ser espacializadas.

Outra espacialização é com relação à economia informal, que geralmente é praticada na cidade, preferencialmente no centro, próxima do comércio formal.

O capitalismo aproveita-se inclusive desses modos de sobrevivência dos excluídos, pois em relação à moradia em terrenos periféricos, há os loteadores ilegais, que se utilizam da ideologia da casa própria<sup>2</sup> para vender terrenos periféricos, situados até então na área rural, mas que, ao serem loteados, são considerados urbanos.

Também se aproveita da economia informal, visto que esta acaba não arcando com os custos formais (impostos), gerando lucros extras.

No espaço da exclusão emerge também um espaço de luta por melhorias, que se manifestam na cidade, como a organização de grupos como *funks*, *punks* e *raps*, o que revela descontentamento e é uma forma de reivindicação. Há os grupos que almejam melhores condições de vida e igualdade entre os sexos, entre as raças, a favor da inclusão social e pela qualidade do meio ambiente, dentre outros.

A cidade revela também mendigos, moradores de rua, prostitutas e menores abandonados e, com isso, a violência toma seu lugar nas ruas. Já não é possível estar no espaço da cidade despreocupadamente.

O espaço da cidade vai se delineando como um espaço de luta pelos direitos sociais básicos, já extirpados por um sistema que se mostra cada vez mais cruel. A cidade também revela novos signos, valores e cultura, que vão se tornando mundiais, devido à ação dos meios de comunicação de massa.

[...] novas questões são observadas nas cidades atuais, novas classes e nova polarização social (novos ricos e novos pobres) novos deslocamentos (“gentrificação” e expulsão dos excluídos), novas fragmentações, novas violências (tribos urbanas,

gangues) homogeneização cultural (moda, mídia), busca de novas e velhas identidades, e novos caminhos (fundamentalismos). Novos conceitos são propostos, como os de territorialidade, redes, deslocalização. (VASCONCELOS, 1999, p.563)

Essa massa de excluídos representa uma ameaça para o poder constituído e, por isso, vão sendo criados novos espaços de moradia, trabalho e lazer para as classes mais abastadas, acirrando ainda mais as desigualdades sociais. Surgem *shopping centers* e condomínios horizontais, dentre outros.

Nesse contexto, o Estado – conjunto de leis e regulamentos criados para estar supostamente acima das lutas sociais, acaba beneficiando a classe dominante, pois o poder público não é parcial ao investir em equipamentos urbanos, beneficiando sempre as localizações onde o valor do solo urbano é maior, pois esses investimentos valorizam ainda mais essas localizações.

A cidade é uma construção coletiva, mas, no caso citado acima, quem pode pagar por um terreno num condomínio paga também pela exclusividade das ruas, áreas verdes e do próprio convívio social.

Diante de toda essa turbulência é preciso parar e refletir sobre o futuro das cidades, senão teremos o caos completo.

Em reunião da Habitat II foi feita essa reflexão, onde se reuniram representantes de várias cidades e os mesmos chegaram à conclusão de que é preciso rever o que a sociedade está considerando desenvolvimento e progresso. Enquanto há uma minoria monopolizando a riqueza, a maioria está excluída do acesso aos meios necessários à sobrevivência.

A Hábitat II destacou problemas que atingem, hoje, mais de 50% da população mundial. Destacou também o crescimento das metrópoles, megalópoles e cidades mundiais, demonstrando que os problemas urbanos não são apenas um problema, mas o grande problema que aflige a humanidade. Enfatizou, também, que o processo de urbanização do mundo tem como contrapartida a falta de condições adequadas de vida, principalmente a falta de moradia, já que se estima que cerca de um bilhão de pessoas na área urbana não têm moradia adequada. (RODRIGUES, 1997, p.132).

Os movimentos sociais elaboraram uma carta para enviar à Hábítat II, o que revela a politização de parcelas da população brasileira que realmente têm assumido seus papéis de cidadãos.

Quanto ao planejamento urbano, a partir da Constituição Federal de outubro de 1988, todos os municípios brasileiros com mais de 20.000 habitantes são obrigados a elaborar o seu Plano Diretor, contemplando as especificidades próprias da cidade e contando com a participação coletiva dos moradores da mesma, para eliminar políticas de favorecimento pessoal e propina quanto à produção do espaço urbano. O planejamento é necessário para que os excluídos da cidade sejam incluídos e passem a usufruir os seus direitos, como cidadãos.

No ano de 2002, após 11 anos em tramitação na Câmara dos Deputados, foi aprovado o Estatuto das Cidades, o qual possui várias cláusulas que, se aplicadas, irão reduzir a especulação imobiliária, através da taxaçaõ progressiva dos terrenos vazios.

Concluindo, os excluídos são fluxos, assim como o capital, pois migram em busca de melhores condições de vida e, muitas vezes, inclusive para outros países, realizando tarefas inferiores.

A cidade necessita, neste momento crítico, de um planejamento equilibrado que não vise à permanência das condições atuais, mas que possa tornar a cidade mais aprazível e humana, e que a tecnologia produzida esteja a serviço da coletividade e não apenas a serviço da minoria privilegiada.

Como a cidade é o espaço das contradições e das lutas, quem sabe ainda podemos sonhar com as mudanças. Não podemos perder tempo. E enquanto a luta não ganha mais adeptos, o capital se organiza a cada dia para reproduzir seus valores e padrões, criando e recriando espaços desiguais.

## NOTAS

<sup>1</sup> Texto preparado para o concurso público na área de Geografia/Geografia Humana, em 08/04/2002, na UEL.

<sup>2</sup> A qual não será discutida no presente trabalho, mas que constitui idéias que reforçam a propriedade privada de uma casa como saída para as péssimas condições de vida da classe trabalhadora.

## REFERÊNCIAS

BESSA, K. C. F.O.; SOARES, B. R. Considerações sobre as cidades médias não metropolitanas: o exemplo de Uberlândia – MG. 6º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, Presidente Prudente. *Anais...* Presidente Prudente, out./1999, p.194-196.

PIRES, H. F. As metamorfoses tecnológicas do capitalismo no período atual. *Terra Livre – AGB*, São Paulo, n. 9, p.57-89, jul./dez 1991.

RODRIGUES, A. M. Hábítat II – O futuro das cidades brasileiras: Notas sobre a Conferência sobre os Assentamentos Humanos – Istambul, 1996. *Revista de Geografia*, São Paulo, v.14, p.131-140, 1997.

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *Por uma Economia Política da Cidade: o caso de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1994.

VASCONCELOS, P. de A. *Dois séculos de pensamento sobre a cidade*. Ilhéus: Editus, 1999.